

## CHRONIQUETA

Boas festas.—O novo prefeito.—A jogatina.—A eleição municipal.—Sete e meio.—Petropolis inundada.—A Revista Brasileira.—Chronicas e Novellas—Um soneto.—Aperto de mão

Rio, 6 de Janeiro de 1895.

Começarei a minha chroniqueta, cumprimentando as formosas leitoras d'A Estação, como tenho por costume fazer nesta época todos os annos, e desejando-lhes boas e felizes festas.

\*

Tambem a nossa capital teve boas entradas do novo anno, com a nomeação do novo prefeito municipal. O Dr. Furquim Werneck, illustre cidadão que algumas das minhas leitoras devem conhecer de perto.

O Dr. Werneck desde logo captou as sympathias de toda a gente séria, sancionando a lei municipal que dá um tiro quasi decisivo nos *frontões* e *book-makers* que desmoralisam esta infeliz cidade, transformando-a n'um enorme *tripot*, onde o povo se arruina em proveito de alguns patifes.

Continue o prefeito na sua obra de saneamento moral, encolha os hombros ás ameaças dos malandros enrequecidos com as economias do pobre, e não lhe hão de faltar os applausos dos homens de bem.

\*

A' hora em que rabisco estas linhas, faz-se a eleição municipal. Acabo de levar o meu voto ás urnas de onde sahirão os quinze intendentes. Se ha um Deus para as eleições, rogo a esse Deus, que metade dos eleitos, isto é, sete e meio, sejam dignos de tão alta prova de confiança por parte do povo que os escolheu. Já vêem as leitoras que não peço muito. Conheço o eleitorado.

\*

Mas com effeito! tivemos uma inundação de candidatos ao conselho da Intendencia maior que a da tromba d'agua de Petropolis!

O numero dos cidadãos que hoje vão dar os seus votos exederá com certeza o numero dos cidadãos que os pediram.

Como pôde ser assim desejado um cargo tão espinhoso, tão difficil e de tão grave responsabilidade? Mystérios da condição humana...

\*

As lettras nacionaes tambem tiveram as suas boas festas:

— Apareceu o 1º numero da *Revista Brasileira*, titulo que tem a vantagem de possuir uma bella tradição litteraria. A materia contida neste fasciculo inaugural faz-nos crer que vamos ter uma publicação digna dos fins a que se destina.

E' director da nova revista o meu illustre confrade José Verissimo, cujo nome representa uma brilhante reconciliação do talento e do trabalho.

\*

— *Chronicas e novellas* intitula-se um magnifico livrinho de Olavo Bilac, escripto com a graça, a correcção e a louçania que tornam tão interessante a prosa d'quelle bello poeta, e tanta individualidade lhe dão.

\*

Agora, aceitem as leitoras o meu presente de anno bom. E' um soneto de Paulo de Arruda, o poeta pernambucano que mais de uma vez tem figurado nas minhas chroniquetas:

## PER DESERTUM

Sigo pisando pela immensa estrada  
Sarças de fogo de hispidos espinhos,  
E vou deixando á beira dos caminhos  
Trapos do corpo e da alma espedaçada...

Nem um pouso sequer! Minha pisada  
Repetem surda os echos escarminhos...  
E o sol se atufa em ondas de oiro e vinhos  
E arde a paizagem, nua e desolada!

Sigo, e um oceano de areia ante mim vò!  
Vago buscando embalde um rastro humano  
E o chão sob os meus passos se esborô!

E arquejo e corro... e no alto a ardente Urania  
Fusila e foge n'um galope insano,  
Como visão phantastica da Uckrania!

PAULO DE ARRUDA.

E, para terminar, um aperto de mão ao meu amigo  
e collega Henrique Blatter pelo apparecimento do  
*Seculo*.

ELOY, O HERÓE

## Os filhos da morta

## LEGENDA WALONNGA

Gille, se eu morrer, não te tornes a casar, por que o que será de nossos filhos? murmurava com sua voz fraca, a pobre Sra. Odette.

Estava deitada na grande cama de carvalho enegrecido, toda guarnecida de tabetá de ramagens.

Da graciosa maçoila, ha pouco tempo tão admirada dos rapazes, apenas restava um corposinho muito magro, cujas formas delgadas mal eram modeladas pelo linho branco.

Suas mãos de longos dedos, pareciam de alabastro, como sua fronte, enrugada por uma inquieta obsecção.

— Não Odette, disse elle; não te preocupes comigo.

A doente dirigio seus olhares para os tres filhos, tres anjinhos, graciosos como ella.

O maior tinha sob os labios a mãosinha de sua mãe, cujos olhos, de expressão penosa, cobriam-no todo com o seu immenso amor.

Gille sahio com o seu passo arrastado.

No quarto ouvia-se o tic-tac do relógio, de mistura com a parolagem dos pequenos e com os arquejos da paciente avida de ar.

Ha pouco tinha vindo o padre de sobrepelliz branca, á choupana, depois de ter atravessado a aldea, á reboque do menino de côro que trazia uma lanterna acesa e fazia soar uma campainha argentina.

As duas velas e o branco algodão fino, estavam ainda sobre a meza, a um canto, perto do crucifixo, nos candieiros de cobre.

Ao anoitecer Odette expirou.

O cão, na cosinha, deixou escapar um grito longo e rouco.

Gille, o bello rapaz, fechou os olhos d'aquella a quem tanto amava.

Os tres filhos, os anjinhos choravam todas as suas lagrimas.

Bim bam, bim bam!

A pobre Odette está debaixo da terra; os sinos dirigem-lhe o seu ultimo adeus.

Um outeirinho de terra muito fresca marca seu lugar, sobre o qual, com o cabo de sua enxada, o cozeiro traçou uma cruz.

As tres creanças, os anjinhos, na cabana, interrogam muitas vezes o leito deserto de sua mãe e suas lagrimas correm frequentemente.

Gille vae e vem, cuidadoso, inquieto e aborrecido.

No fogão, nada de fogo; o rapaz é inhabil para tirar chamma dos sarrafos e das achas de lenha.

Como sua morada lhe parece vasia e longo o campo, longo como dias sem pão.

Muito pertinho, a passar, vê em ruidosa actividade Jehanne, a moça forte, exuberante de saude.

Espia Gille muitas vezes, o bello rapaz, sahindo com a leiteira fumegante do estábulo, tirando do poço a agua limpida e gelada, acudindo a todos seus trabalhos. Ousada, transpõe agora, frequentemente, os umbraes da casa da morta.

Ella tem para Gille tigellas de leite fumegante, prepara-lhe a panella, tira leite da Negra, limpa em um instante a terra endurecida e sahe desfiando seus risos zombeteiros que captivam o viuvo pezaroso.

Uma vez chegou a entrar no quarto e tocar na cama de Odette, na velha cama de carvalho negro.

Os tres pequenos teem medo de seu ar ousado. Choram vendo-a e o menor tem vagidos mais fortes.

\*

Bim bam, bim bam!

Os sinos tocam para a missa; antes do officio divino, o velho cura de cabelleira nevada grita o derradeiro banho de casamento de Gille o tamanqueiro com Jehanne a vaqueira.

Os fiéis entre-olharam-se com um olhar afflito, os velhos sacudiam a espinha encurvada e cochichavam coisas por entre as nuas gengivas.

No ar secco e picante parecia-se ainda ouvir os dobres funebres do enterro de Odette, e no velho cemiterio o antigo outeirinho não foi mais cuidado.

Sem tardar, realisaram-se as bodas do viuvo e da moça, uma tarde, ao cahir do dia, furtivamente, sob risos mofadores, aos quaes Jehanne respondia altivamente.

Ella installou-se na cama de Odette e festejou ruidosamente seu triumpho.

As tres creancinhas a um canto choravam deante de toda esta alegria da mulher de quem tinham medo.

O menor gritou mais alto para ter a sua mamadeira. A madrastra, irritada, voltou-se para elle e zaz! deu-lhe uma bofetada.

— Faze com que esta creança se cale, disse ella ao mais velho, senão levarás outra bofetada. Vão todos para o curral e deixem-nos quietos.

— Cala-te, cala-te, irmão, gemeu pouco depois o maior, nossa mãe já lá não está; não é aquella, a nossa está debaixo da terra, la longe, no cemiterio.

Se Deus quizer, amanhã iremos vel-a.

E no estábulo quente, a Negra, boa vacca, offereceu suas possantes mamas ao mais novinho que deixou de gritar. Os outros menores sorveram tambem longos goles, depois todos tres adormeceram na palha fresca.

Do quarto de Odette chegavam ruidos alegres.

\*

No dia seguinte, depois do canto do gallo, as tres creanças, o pequeno, o do meio e o maior foram-se pelo caminho cheio de arvores frondosas, para o cemiterio da aldea.

Delgadas espiraes de fumo azulado, escapavam-se dos tectos de ardozios e telhas vermelhas. das herdades e dos pardieiros.

No horisonte, fechando a immensidade das planicies, o sol erguia-se no meio de uma gloria de raios.

No cotovello da estrada, as creancinhas encontraram um homem de physionomia doce, emoldurada por uma barba loura encaracolada.

Um diadema luminoso cercava-o com os seus raios

Era o bom Deus!

— Para onde vão, meus tres anjinhos, tres anjos tão pequenos, disse elle com sua voz doce, mais doce que o canto do doce cantor das noites.

— Vamos ver nossa mãe que apodrece debaixo da terra.



Jesus que se lembrou :

— Seu corpo está na terra, sua alma no paraíso. Ide, ide, meninos; ide, meus anjinhos.

E depois elle os seguio.

Perto da tumba muito fresca ainda, os pequeninos ajelcharam-se sobre a terra benta.

— Doce Virgem Maria, nossa mãe não está aqui? perguntaram juntos.

Logo, ó maravilha! a terra se entre-abriu e Odette appareceu a beira do tumulo, ainda de todo envolta no lugubre sudario.

Ella tomou o menor e deu-lhe o seio; tomou o do meio e collocou-o a seu lado.

— O' mãe ternamente amada, murmurava o mais velho, se nós ao menos podessemos ficar junto de vós?

— Estar perto de mim, isto não é possível, respondeu-lhes. Meus tres filhos queridos, minhas pernas estão carregadas de terra pesada.

Voltem, meus filhos para junto de sua madrastra. Se ella vos der pão, tire-lhe seu chapéu; se vos der agua dae-lhe beijos; se ella vos levar á missa, conserve-vos por traz della. Se ella vos perguntar quem vos ensinou tão bem, direis: Foi uma pobre mãe que apodrece na terra sagrada.

Murmurava tudo isso com a sua voz doce, como um zephyro.

\*

Jesus, o bom Jesus estava profundamente commovido com a sorte dos orphãosinhos.

— Levanta-te, Odette, disse-lhe elle; tu poderás á tua vontade crear teus filhos; dou-te seto annos para esta tarefa.

Todas as manhãs Odette, pallida e muito mudada ia á casa e tratava das creanças.

Dava-lhes de comer e remendava a sua roupinha.

Jehanne a madrastra e Giile seu marido, o fraco, o inconstante, viam por toda a parte noite e dia o rosto livido da morta; elles tomaram horror um ao outro, seus remorsos os atormentaram, emquanto estiveram no uso da razão.

Passados os sete annos, Odette a terna mãe, poz-se a chorar, chorar amargamente.

— Porque estas lagrimas, mãe, perguntou Jehan o mais velho de seus filhos, um bello rapaz.

— Sahi da terra, é preciso para lá voltar; é o momento snpremo, vós todos estaes creados.

— Não chores, querida mãe; la no ceu nós nos tornaremos a ver em breve.

E o grande, o do meio e o pequeno, todos tres bellos rapazes, beijaram as faces pallidas de Odette que desappareceu de subito, de suas vistas.

JULES LEMOINE.

## Flóra

Scismo em teu nome, scismo... persistente,  
Toda minh'alma olympica e sensível  
Enche-se de um perfume irresistível...  
Sonho, deliro, fito ethéreamente

As Hespérides, Pandius, o indizível  
Capuleto, Semiramis florente,  
O Paradou sublime, indscriptível  
Onde descantam Sylphos dhuliamente!

Aves polychromaes, aureas pyraustas,  
Volateiando ao sol, ébrias, exhaustas,  
Sobre vergeis fluctuantes e odorosos;

Hamadryades, Satyros, phalenas...  
Tudo adormece, n'um segundo apenas,  
Aos phyltros dos effluvios capitosos!

CINCINATO GUTERERS.

## Flores

Não pasmes que conserve, qual thesouro,  
essas pallidas flores;  
as suas folhas são paginas de ouro  
d'uma historia de amores.

Essas pezinhas trazem-me á memoria  
a ventura perdida;  
os tempos de prazer, de intima gloria:  
alvorada da vida.

No teu calice o fogo já não arde  
despedaçada rosa;  
no peito, foste adorno, certa tarde  
d'uma mulher formosa...

Este lugubre cravo, poz, Dolores,  
ao nosso enleio um fim;  
dos labios teus julgo inda em suas côres  
ver vivo carmin...

Esses nardos de petalas brilhantes,  
Adelina travessa,  
banharam de perfumes penetrantes  
tua loira cabeça.

Amelia m'offertou esta camelia,  
d'atroz paixão em jogo,  
depondo sobre a flor a propria Amelia,  
um oscuio de fogo.

As tuas brancas petalas, d'amianto,  
inda, murcha açucena,  
parecem orvalhadas belo pranto  
da adora'la Filena.

Vão as flores murchando e as flores caem  
do vento nos baldões;  
tudo passou, e com as flor' s'esvaem  
as minhas illusões.

RAUL BRAMAIO.

(Trad.)

## Flora latina

AB OVO

(Ao partir do ovo)

Horacio, em sua *Arte poetica*, louva Homero por ter sabido tirar toda a *Illiade* de uma só scena, de uma só occurencia do cerco de Troya (a colera de Achylles), sem necessitar, para augmentar o poema, remontar-se até ao nascimento de Helena, causa da guerra, e que, segundo a mythologia, nascera de um ovo, tal como Clytemnestre, outra filha de Léda.

ABUSUS NON TOLLIT USUM

(O abuso não impede o uso)

Pode-se abusar de tudo, mesmo das melhores cousas; isto não é razão para renunciar-se fazer-se um uso de cousas de que outros abusam.

Voltaire dise: usaê, não abusae, manda a prudencia.

ABYSSUS ABYSSUM INVOCAT

(O abysmo chama o abysmo)

Expressão figurada da Biblia, que significa que uma desgraça chama outra desgraça, que uma falta conduz fatalmente a outra falta. Uma vez no declive do mal, o homem não pôde mais parar sinão no fundo do abysmo: *abyssus abyssum invocat*. Foi d'esta expressão biblica que nasceu o proverbio: uma desgraça nunca vem só.

AD HOC

(Para isso)

Um advogado, se não acha uma lei que possa fazer triumphar sua causa, forja uma *ad hoc*, especial, conhecido da materia de que se trata.

AD HOMINEM

(Contra a pessoa)

No argumento pessoal, ou *ad hominem*, o orador empresta ao adversario armas para combatel-o; elle o confunde oppondo-lhe suas proprias palavras ou seus proprios actos. Nas assembleas politicas de todos os paizes, não é raro ver-se um homem mudar de opinião; seus adversarios, para combater suas palavras presentes, recordam-lhe sua linguagem de outr'ora, oppõem-na a elle mesmo, e o batem, por um argumento pessoal—*ad hominem*.

## THEATROS

Rio, 9 de Janeiro de 1895.

Deu-nos o Recreio o drama de Anicet Bourgeois e Michel Masson *Mysterios do Carnaval*, traduzido pelo actor Primo da Costa.

Contar-lhes o enredo da peça exigiria uma paciencia que não tenho e um espaço de que não disponho nesta folha. O drama, de uma urdidura interessante e complicada, foi escripto com toda a technica do theatro. O dialogo é incisivo; as scenas são rapidas, succedem-se logicamente e estão bem articuladas umas ás outras; as situações dramaticas abundam, e os autores não se esqueceram do imprescindivel elemento comico; os personagens estão desenhados com arte.

O desempenho dos papeis tem os seus altos e baixos, mas não compromete absolutamente a peça que, a julgar pelos applausos do publico, parece destinada a ficar no repertorio do Recreio, como tantas outras do mesmo genero.

\*

A companhia lyrica do Apollo partio para Campos e não deixou saudades. Está sendo substituida por outra de zarzuelas, até que voltem os artistas da empreza Garrido, cuja *tournee* em S. Paulo tem sido muito fructuosa.

\*

Reappareceu no Variedades, ao lado de Eugenio de Magalhães, representando a *Doida de Montmayour*, a actriz Ismenia, que ha muito se achava afastada do palco.

O publico e a imprensa tiveram a satisfação de reconhecer que ella é ainda a nossa primeira actriz dramatica.

Infelizmente, logo depois dessa representação da *Doida de Montmayour*, que parecia ser o inicio naquelle theatro de uma epoca mais auspiciosa para a arte, os artistas do Variedades faziam *reprise* da magica os *Talismans de Perlimpimpim*.

Entretanto, ensaia-se ali o *Filho da noite*, drama em que Ismenia representará de novo ao lado de Eugenio de Magalhães.

\*

No Lucinda continuam as representações do *Tim tim por tim tim* e no Sant'Anna as da *Cornucopia do amor*.

X Y Z.

Com o titulo *Mulher Piedosa* encontrámos a seguinte curiosa noticia em uma folha de Lisboa:

Exquisita individualidade a d'esta mulher! Temo-la diante de nós, vestida d'uma especie de brial de lemistre, a contar-nos, gesticulante, n'uma estranha mobilidade de physionomia, as aventuras negras da sua peregrinação, as tardes vermelhas e doiradas que levava a mendigar cobres de mãos rusticas, e os momentos passados a morder pão loiro em alpendradas fidalgas.

Temol-a diante de nós; espanta-nos o colorido das suas palavras modestas e o clarão dos seus olhos olheirentos, côr de amora. Ha qualquer coisa de obstinado, de perseverante, no seu busto macilento, onde os annos, as amarguras e os cansaços amarrotaram rugas e imprimiram melancholias.

A sua silhueta é original: parece uma figura piedosa illuminada da. miniaturas d'uma novella antiga.

Conversámos com ella. Contou-nos a sua historia pallida. Enviuvou no Brazil e o marido defunto deixou-lhe cinco contos de réis; veio de novo para Portugal e foi-se esconder nos arvoredos frescos de Santa Cruz de Alvarenga. Chegada que foi á terra onde viu nascer, desgrenhado e loiro, o primeiro sol, nunca mais a abandonou a idéa côr de rosa de construir ali uma escola asylo para repariguitas desamparadas: mas — coitada! — o dinheiro que herdou do seu defunto, não chegou senão para a compra do terreno e para a construção dos alicerces. Quiz continuar a obra mas faltavam-lhe os meios. Entretanto, não a empolgaram os desalentos, não a desanimaram os cansaços. Diz ella, que a Virgem ha-de amparal-a e robustecer a sua idéa fervorosa. Confiada n'isso, anda descalça, n'uma peregrinação cheia de piedade, a mendigar por fidalgos e rusticos, o dinheiro que lhe falta para a realisação completa do seu intento. Santa mulher! Durante as suas caminhadas, pés nús sobre cardos, corpo molhado por chuvas de prata, — tratavam n'a de mendiga. Conta-nos ella que quanto mais soffria, quanto mais profundamente a humilhavam, mais contente ficava. Effectivamente, na sua expressão de bondade, vò a asa branca, perfumada, d'uma resignação mystica. Agora, passou por Lisboa. Anda toda vestida de negro; usa sob o chale uma especie de escapulario, e pendida da cintura uma escarcella vermelha com uma cruz azul. Chama-se Maria Ferreira Pinto. Se algum dia a virem, offereçam-lhe uma esmola, e ajudem a pobre mulher a attingir o ponto de ouro do seu piedoso desegno. E' de cerebros como este, fanaticos mas equilibrados, que nascem as grandes iniciativas.



No exercicio

I

Quatro horas da tarde.

No quartel soara já o segundo toque de formatura para o exercicio geral que o batalhão devia fazer essa tarde.

Nas companhias reinava silencio, sómente interrompido pela voz dos sargentos, que procediam á chamada, lentamente, regularmente.

- Doze ?
- Prompto
- Vinte e sete ?
- Prompto.
- Trinta ?
- Prompto.

E o sargento da 2.ª continuava assim, monotona-mente, a chamar as praças de sua companhia pelo numero correspondente.

- Trinta e seis ?
- Ninguém respondeu.
- Trinta e seis ? repetiu o sargento.
- Ausente—respondeu uma voz da fileira.
- Cabo, vá ver si o Zé Antonio está na reserva—ordenou o sargento.

O Zé Antonio, o 36 da 2.ª, estava, com effeito, na reserva, sentado n'um pequeno mocho, a cabeça pen-

dida, a farda aberta, o cinturão desapertado, o sabre por terra, a physionomia abatida e soffredora.

Era um caboclo muito moço, filho do Norte, sym- pathico, sem fio de barba, olhar meigo e submisso, la- bios finos, tez baça e descorada, prenunciando um soffrimento occulto, alguma lesão destruidora e fatal.

N'esse momento tinha o ar absorvido de quem, como se diz, costuma sonhar acordado ; pensava talvez na risonha paisagem do seu torrão natal, nos en- tes queridos que lá deixára, e que não tornara a vêr depois que sentara praça, na modesta casinha de sua infancia, avistando-se á beira da estrada, pequenina e pobre, por entre os coqueiraes e os cajueiros.

Esquecera-se para ali assim, n'aquelle reserva soli- taria e fria, do exercicio d'essa tarde, da companhia, dos seus deveres de soldado, acabrunhado pela dôr pungente de um soffrimento agudo, mesclado á acari- ciadora visão de um canto longiuquo da terra.

— Zé Antonio, você está doente ?—interrogou-lhe o cabo envia lo á sua procura.

— Não, já vou,—responde o outro. Foi uma verti- gem que me deu, mas já não sinto nada.

E levantando-se bruscamente, encaminhou-se para a fôrma, depois de haver abotoado a farda e acolhetado o cinturão.

— Prompto, sargento.

Si estava doente, observa-lhe o sargento, era me- lhor ficar e baixar depois á enfermaria.

— Não senhor, foi só uma vertigem ; não tenho mais nada.

E entrou em fôrma, risonho e submisso, com os labios descorados e a tez embaciada de quem sente

no fundo do coração a ponta acerada de um soffri- mento secreto.

E como tocasse avançar, o sargento mandou a com- panhia fazer braço armas, direita volver e marchar no passo ordinario em direcção ao pateo do quartel, onde o batalhão devia formar para o exercicio d'essa tarde.

II

O batalhão marchara para o campo, seguido por um enxame de garotos e curiosos, despertados pelos ac- cordes estridentes da banda marcial.

O commandante, um coronel magro e já velho, mandava as manobras, montado no seu cavallo baio, delgado e obediente.

A columna fizera alto no meio do campo, onde muita gente já estacionava, attrahida pela noticia de que n'essa tarde se faria um exercicio de fogo.

Pelas fileiras corria o leve sussurro da novidade, pois que raras vezes os soldados tinham occasião de descarregar o seu *Comblain*, o classico *pau furado* da giria dos quartéis.

O batalhão agora estava em linha. Os sargentos, voltados todos para a direita, ondesse achava o major, levavam a arma vertical á altura do rosto, na posição regulamentar da ordenança.

A' voz de—firme !—todos olharam para frente e a linha cahiu na immobildade correcta dos corpos dis- ciplinados, na expectativa anciosa do fogo que pro- vavelmente ia começar.

**VINHO DE CHASSAING**  
BI-DIGESTIVO  
Recetado ha 30 annos  
CONTRA AS AFFECTOES DAS VIAS DIGESTIVAS  
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.  
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

**PRISÃO DE VENTRE**  
é curada com o verdadeiro  
**Pó Laxativo de Vichy**  
do Dr. SOULIGOUX  
Laxante certo, agradável ao paladar, facil de se tomar  
O vidro de cerca de 25 doses : 2 fr. 50  
PARIZ, AVENUE VICTORIA, 6 E NAS PHARMACIAS.

**PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET**  
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

**MÃO DE PAPA** de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destróe as frieiras e as rachas.

**UM NARIZ PICADO** de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES  
Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

**POUCOS CABELLOS**  
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Benedictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.  
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NÃO ARRANQUEM MAIS**  
os dentes estragados, sanê-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Benedictins du Mont-Majella**.  
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

**NINON DE LENCLOS**  
escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epi- derme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de bap- tismo que rasgava á cara do Tempo, cuja foice embotava- se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse menor traço. « Muito verde ainda ! » via-se obriga- do a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafon- taine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais contara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à PARIS.**  
Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

**DUVET DE NINON**  
pó de arroz especial e refrigerante ;  
**Le Savon Crème de Ninon**  
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

**LAIT DE NINON**  
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros.  
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFU- MERIE NINON** contam-se :

**LA POUDERE CAPILLAIRE**  
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existi em 12 cores ;

**SEVE SOURCILIERE**  
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os super- cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar ;  
**LA PATE ET LA POUDERE MANODERMALE DE NINON**  
fara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do estrangeiro

**VELOUTINE**

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial PREPARADO COM BISMUTHO por

**CH. FAY**  
Perfumista  
9, Rue de la Paix, 9  
PARIS

**XAROPE DE FLON**

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.

Soberano contra

**DEFLUXOS BRONCHITES INFLUENZA CATARRHOS**

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

Acha-se em todas as Pharmacias.

**Espartilhos DA CASA DE VERTUS SŒURS**  
PARIZ

A afamada casa DE VERTUS SŒURS acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA



O Zé Antonio, o 36 da 2ª, lá está na primeira fileira do 2º pelotão, perfilado e extático, o olhar vago de quem nada percebe do que se está passando ao redor de si, aguilhoado, sem duvida, por alguma visão interior, nitida e persistente.

A luminosa paisagem de um lar distante talvez lhe estivesse cantando dentro d'alma com a voz plangente e dolorosa da saudade, saudade do cantinho ignorado onde nascera, saudade de alguma velhinha obscura e boa, mãe piedosa e amada.

A voz de preparar surprehendera-o abysmado na sua meditação doentia. Estremecera, e, entretanto, fizera machinalmente o oitavo á direita, levando a arma vertical á altura do hombro.

Os officiaes á retaguarda da linha corrigiam a posição dos soldados, vociferando, ao mesmo tempo, contra a garotada infrene, que, aguçada pelo desejo de apanhar alguns cartuchos falhos, se amontoava á portia, numa algazarra infernal.

— O' Zé Antonio, estás doente?—perguntou baixinho o cerra fila, sentindo-o de leve cambalear.

— Não—murmurou entre dentes o 36 da 2ª, mergulhado de novo no profundo scismar do seu brumoso sonho.

## III

A primeira descarga fôra perfeita e correcta, parecendo o batalhão um unico homem que acabasse de atirar.

O commandante esboçara um sorriso de orgulho e satisfação, muito erecto no seu cavallo baio, delgado e obediente.

A segunda descarga teria produzido o mesmo effeito, se não fosse um tiro isolado que acabava de partir do 2º pelotão, perturbando a serena calma que succedera. Fôra a espingarda do Zé Antonio que, sonhadora e estranha, atrazára-se e disparára sósinha no morno silencio da linha.

— Quem foi que atirou? perguntou um official á retaguarda do pelotão.

— Foi aqui o Zé Antonio, diz um soldado.

— Deixa vêr a arma—reclama o official diligente. E depois de examinal-a accrescenta:

O *Comblain* não tem cousa alguma; é preciso prestar mais attenção.

O Zé Antonio retomou a espingarda com olhar vago e perdido no infinito do seu extasi, sem comprehender talvez o que n'esse momento lhe diziam.

— Este rapaz tem alguma cousa que lhe incomoda,—observa o sargento ao official. Ha dias que elle anda assim macambusio e triste, sem nada dizer, sem se queixar; parece que está soffrendo do coração. E' uma das melhores praças da companhia.

Nisto o commandante manda preparar para uma terceira descarga, recommendando a todos attenção e firmeza.

— Você está doente. Zé Antonio?—diz-lhe o cerra-fila sentindo-o novamente cambalear a ponto de quasi deixar a arma cahir.

— Não—responde o outro, como que rudemente acordado de um sonho profundo e delicioso.

— Carregar! ordena o commandante.  
E as armas todas se abaixam, ouvindo o ruido dos cartuchos revolidos nas patronas.

— Apontar! diz a voz vibrante e clara do energico coronel.

E as armas todas se alinham, horizontaes e firmes na vaga pontaria da ultima descarga.

— Fogo!

Uma fumaça cerrada e espessa envolve toda a linha, immovel e silenciosa, no pleno gozo de um dever estrictamente desempenhado.

No 2º pelotão nota-se, porém, uma ligeira agitação. Qualquer cousa de extraordinario occorrera n'aquelle instante.



ALICE SCHREINNER

Ao dissipar-se inteiramente o fumo da descarga percebia-se com effeito que um soldado cahira, sendo amparado por seus camaradas de fileira, surprehendi los com aquelle subito accidente.

Fôra o Zé Antonio, o 36 da 2ª, que succumbira fulminado por um inimigo invisivel, alguma lezão organica, destruidora e fatal.

As mãos do pobre soldado tinham abandonado a espingarda, indo a direita agarrar-se convulsivamente ao panno da farda do lado do coração, como para d'ali arrancar o mal que o prostára morto de envolta com a obcecada visão do seu torrão natal, a deliciosa e furtiva miragem de um canto longiuo da terra.

Porto Alegre, 9 de Dezembro de 1894.

FABRICIO.

(Dos *Cantos Marciaes*).

## Dezembro

Dezembro, o grande mez dos dias transparentes,  
Entra por estes ceus o occaso ensanguentando;  
Canta ao longe a cigarra as canções estridentes  
E as andorinhas vão o vôo levantando.

Salve! sol refulgente!  
Faiscante granada  
Que entra furando o azul do curvilíneo Oriente,  
Explodindo a alvorada;  
Togas de luz vestindo ás brancas serranias,  
E erguendo sobre o dorso espumoso da cachoeira,  
Cometas de ardências  
De nucleo scintillante e cauda estrellejada!

Salve! Salve, florestas!  
Onde entra a luz solar gem lucida poeira  
Coadá pelas frestas  
Dos pennaches gentis de folhas e festões  
Que as arvores sustentam!

Minhas recordações  
Em tumulto rebentam  
Como astros, a fulgir, no ceu do meu passado!

Lembro-me contristado,  
De quando a ia esperar nos hombros da collina,  
Encostado em silencio á minha carabina,  
Tendo por companheiro  
Ao lado o meu fiel e esguio perdigueiro.

Chamava-me a attenção, ao longe reboando,  
O ruidoso tropel de patas de cavallo.  
De intervallo a intervallo  
Vinha se approximando...  
Uma douda alegria  
De mim se apoderava.  
O tropel que eu ouvia  
Já muito perto soava...

E, embridando o alazão fogoso, que espumava,  
Ella—a gentil visão que esta minh'alma adora—,  
N'uma curva da estrada, esolendida surgia  
E voava a galopar pela esplanada a fóra!...

HIRACIO GUTERRES.

Dezembro de 1886.—(Das «Surdinas»).



STEPPE HUNGARA





VASOS DE VIDRO INGLEZ

## A carta negra

A moça teve um movimento de ombros, como se o pedido do homem, de pé, deante della, fosse inadmissível e desarrasoado.

Chegou-se ao canapé, onde ella se envolvia com um chale, tremendo, embora se estivesse no mez de Abril. Atravez deste banal salão particular, o sol, peneirado pelos stores, lançava uma claridade de ambar. Dir-se-ia que eram phantasmas conversando em pleno dia. Se não eram phantasmas de outro mundo, eram phantasmas deste. Jovens ambos; não teria vinte e cinco annos cada um.

E, vencido por sua obstinação, não achando mais palavra, elle refugiou-se no passado.

Como elle se lembrava! Tudo, a manhã de inverno muito fria, a grande alea da igreja; Diana vestida de noiva, pelo braço do marquez de Sorges...

Estava branca, tremula, tão triste como a saudação triumphal dos orgãos, com os olhos fitos, em que as tochas da festa punham claridades semelhantes a lagrymas. Tinha sentido então sua vida como que tomada, torcida para sempre, porque Sorges era seu amigo de infancia, quasi seu irmão, devia sentir-se culpado por amal-a. E entretanto elle a amava, amava-a ainda, ha quatro annos, sem que pessoa alguma o suspeitasse, sem que ella mesmo o duvidasse.

Como isso se produzira, esta brusca invasão da paixão, elle não sabia, nem por que esta mulher casada interdicta e desamparada, esta fragil creatura vinte vezes encontrada, na sociedade, em camaradagem, subitamente se implantara nelle. Talvez porque lhe causasse compaixão, porque houvesse signaes de dor em sua physionomia, porque fosse para elle a irradiação de sua nova existencia, como para um sacrificio. E alem disso talvez ella precisasse de cuidados, o menor choque a despedaçaria; bastava observa-la: tinha guardado alguma coisa do espanto dos ninhos e da fragilidade dos berços.

Sorges era bom, desta bondade do Jeão ás vezes acariciador, as vezes violento e brutal. Que lhe reservaria o futuro? No fim de um anno nascera-lhe uma filha. Diana, embriagada de maternidade, mergulhava sua fronte na multidão de rendas d'onde surgia o rosto de um anjo, muito rosado,—porque os anjos coram, atravessando a terra.

— Sim, este passado voltara-lhe ao espirito, neste salão, entre estas flores, em face de Diana. Aqui e alli abriam-se malas, ostentando seu luxo, atiradas ao acaso, na pressa de uma chegada. Diana vinha da Italia. Elle não a via, ha um anno. Queria que ella tornasse a partir nesta mesma noite.

E a moça limitou-se a erguer os hombros. Estava cansada—eis o que era preciso que ficasse bem sabido, encarregava-o de o dizer a seu marido. Com certeza não se defendia; não tivera razão; mas não se lança uma mulher á porta por uma simples palavra, sobretudo, quando ha um filho.

Pois bem, é exacto, ella não amava seu marido. E' exacto ella amava outro, mas este outro ignoraria sempre. Além disso, ella mesma se confessara ao Sr. de Sorges, lealmente, por escrupulo de consciencia, para não ser considerada melhor do que era. Unicamente, e Sr. de Sorges exigira o nome e ella se recusara a dizel-o.

Para que? Não era seu segredo, seu, unicamente? Seu procedimento provava a sua innocencia, eis tudo. Elle a expellia, tanto peor! ella partira suppondo talvez que a fossem chamar. Por isso nem se quer beijara a filha. Não a chamavam mais? Seja; ella reaparecia, por Margarida, para vel-a, para tomal-a, porque não podia viver sem ella.

Este detalhe das coisas, Diana o articulava lentamente, com uma entonação firme, embora um soluço reprimido tremesse em sua voz.

Seus grandes olhos, mal abertos sob a pesada franja das sobrancelhas, pareciam ter receio de erguer-se. Havia uma contradicção estranha entre a resolução de suas phrases e a timidez de seu porte.

Elle soffria muito.

Subito ella ergueu-se, e, roçando-o quasi com o peito arquejante, com o ar embaraçado.

— Não é exacto que é o Sr. de Sorges quem te manda? interrogou ella. Previnio-o de meu regresso, dei-lheo meu endereço; todo o acolhimento de que elle me julga digna consiste em mandar-me dizer por seu intermedio que é preciso tornar a partir.

— Não; eu apressei-me a vir, por mim mesmo.

— Então, por que querem que eu volte?

— Porque assim é preciso. Creia-me, deixe Paris, ao menos por alguns dias, mas deixe-o já. Chega quando menos é esperada. Sorges não estava preparado.

Brandamente ella observou:

— Não é elle quem eu procuro, e Margarida.

E a sua voz quebrava-se; continuou:

— Estou doente, bem vê, muito doente. Tenho necessidade della. Ha momentos em que julgo que vou perder a razão. Lenho sido tão torturada! Não merecia ser tratada, como uma criminosa. Podiam muito bem deixar-me junto de Margarida. Seus dedinhos pousados sobre meu coração bastariam para nelle fechar o meu segredo. As creanças! São muitas vezes a honra das maes.

E ella adormecia em sua queixa, inconscientemente apoiada nelle; uma cinta de esmeralda Jasperava nos cantos as narinas apertadas.

Depois seus olhos abriram-se em fulgor, lançando lampejos de aço que os sub'olhos arruiscados tornavam mais intensos. As espadas estremeram sob a cabelleira d'ouro brunido. E, enquanto o sol do meio dia, deslizando do rebordo da janella, deixava lentamente o baixo dos stores e dardejava seus raios sobre o busto debil da moça, a côr de ambar que os fazia parecerem fantasmas, augmentava. Elle contemplava Diana, sem aventurar um gesto, de tal modo os finos traços doloridos tomavam as proporções fantasticas do sonho—seu sonho sombrio de ha quatro annos, sobrevindo em plena luz da igreja, ao canto dos orgãos, por uma fria manhã de inverno.

No meio do silencio, a pendula bateu tres pancadas. Elle estremeceu.

— Que tem! murmurou ella.

— Esquecia-me da hora. Sorges me espera.

— E' indispensavel?

— Inteiramente; um dever que temos de cumprir juntos.

— Um dever?

Ella interrogava-o com o seu olhar fixo, um tanto enternecido. Mas elle accumulava as palavras; com um tom breve, sacudido, nervoso supplicava-lhe de novo: ella deveria prometter-lhe que tornaria a partir immediatamente.

Se elle insistia, é porque havia motivos serios.

Sorges podia surgir, alli, n'aquelle salão, de um momento para outro. Nestes ultimos tempos sua irritação era excessiva. Demais elle bem lhe dissera: quando havia sede de represalias, nada o detinha. Ainda uma ausencia de oito dias, nem tanto, de algumas horas, e tratariam de preparal-o, de acalmal-o de diminuir a violencia de seu odio. Porque era exactamente odio.

Mas Diana, obstinada, repetia:

— Não, não, não; eu quero Margarida.

Um criado entrou, trazendo uma carta em uma salva de prata.

— Da parte do Sr. marquez de Sorges.

Uma grande carta cujo papel assetinado lusia, com uma tarja negra, como uma moldura de crepe.

— Que é isso? perguntou Diana.

Elle empallidecera horrivelmente e precipitou-se para impedir que ella abrisse. Mas já os grandes olhos de Diana, dilatados pelo horror, percorriam o papel. Era um cartão de participação.

Enterravam Margarida, n'aquella mesma tarde, ás quatro horas.

Ella voltou-se mostrando seus dentes brancos e em uma explosão de riso que mais parecia uma careta, bradou, lançando os braços em volta do pescoço do homem que estava deante della.

— Eu te amo.

Elle sentio o coração atravessado por uma suspeita horrivel.

— Está louca! pensou fóra de si.

E tinha razão; ella estava louca, mas acabava de dizer a verdade.

EDUARDO DELPIT.

## Ballada

(HENRY MURGER)

## OS TRES VEUS DE MARIA BERTHA

O primeiro véo de Maria Bertha era branco, inteiramente branco e puro como a neve, rendilhado e de fios tenues, tão tenues como os que se enuovellam nos fusos da Virgem Immaculada.

Maria Bertha havia-o bordado com suas proprias mãos chinezis e ornára-o de uma grinalda de flores de seda,—ficticias flores, flores idéaes,—mas tão perfectas, que os insectos zumbindo, torvellinhavam sobre ellas, fascinados!

Uma unica vez ella uzou do seu véo branco,—foi no dia da sua primeira communhão.

O segundo véo de Maria Bertha era preto, inteiramente preto.

Ella o tinha começado no dia mesmo em que sua mãe, sua santa mãe idolatrada desapparecera dentre os vivos, deixando a inconsolavel, triste, só e abandonada.

Havia-o bordado de sombrias palmas, como a das arvores dos cemiterios—os esguios cyprestes sempre verdes.



PASSEIO NA LAGOA



Lavára-o todo com o seu pranto amargo. Uma unica vez ella uzou de seu véu preto,—foi no dia em que, noiva do Christo, do Santo Christo, para o Convento da Ave Maria entrara, vestal formosa, seraphica vestal.

O terceiro veu de Maria Bertha, era feito de um fragmento do azul celeste, do azul celeste e eucharistico, recamado de esferas fulgurantes, de fulgurantes hyadas multicores, embalsamado com os mysticos perfumes dos Paraísos Archangelicos e Velados...

Déra-lhe o seu Anjo Guardiã, no dia em que ella entrou no ceu, noiva do Christo, do Santo Christo, vestal formosa, Seraphica Vestal,...

CINCINATO GUTERRES.

1894

## MOSAICO

Calino, chega um pouco tarde ao theatro e pergunta ao porteiro:

- Já começaram a representar a peça?
- Sim, senhor; já se representou um acto.
- Qual?

As almas grandes esquecem-se depressa das offensas mesquinhas.

Nas classes sem educação as mulheres valem mais que os homens. Nas classes distinctas, os homens são superiores ás mulheres. E' que os homens são mais susceptíveis de ser ricos em virtudes adquiridas e as mulheres em virtudes nativas.

DAUBERT

## AS NOSSAS GRAVURAS

Alice Schreinner

O retrato que hoje offerecemos ás nossas leitoras é o de uma celebre e festejada escriptora ingleza, miss Alice Schreinner.

Della disse A. Scholl que possuia a frieza e a reflexão de sua raça dourados pelos reflexos de um sol quente do meio dia.

E' uma gloria do seu sexo a eminente escriptora britanica.

Steppes húngaros

A nossa segunda gravura representa uma paisagem campestre, no vasto imperio húngaro; tão poetico e tão fiel ás suas velhas e queridas tradições que são heje, na maioria dos casos, as leis que regem os habitantes dos diversos paizes.

## Vasos de vidro inglez

Dois vasos de vidro inglez, dois artefactos da industria davelha Albion, o primeiro proprio para o cultivo de flores exoticas; o segundo contendo uma cobra que se enrosca toda no seio do lequido que a alimenta.

## Passeio em lagoa

Nada falta a este passeio de que trata a nossa quarta gravura; ahí temos o cygne e a scismatica remadora que abandonou os remos, deixando o barco vogar a mercê das ondas embebida na contemplação da natureza.

## CORRESPONDENCIA

80067—Therezinha—Foi aqui lançada ao correio e affirmamos que a repartição respectiva é responsavel. O não ter ahí chegado não prova que não o tivéssemos remetido e nós aqui temos prova de tal remessa em uma livro. Finalmente nós temos todo interesse em que aos nossos assignantes sejam satisfactoriamente servidos, enquanto o correio nenhum interesse tem, além do moral, em que a correspondencia seja bem entregue por que sendo o seu serviço um monopolio sabe que nunca pode perder o freguez.

C. A.—E' indispensavel declarar o seu numero de talão e de onde se mudou.

**DELETTREZ**  
EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
**PERFUMARIA**  
extra-fina  
DE  
**AMARYLLIS**  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete..... de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Pó de Arroz.... de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Essencia..... de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Agua de Toucador. de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Vinagre de Toucador de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Oleo para os Cabellos de **AMARYLLIS DU JAPON**  
Brilantina..... de **AMARYLLIS DU JAPON**

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

**T. JONES**  
Fabricante  
de Perfumaria Ingleza extra-fina

**VICTORIA ESSENCIA**  
O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande collecção de extratos extra-finos para leuco.

**FLUIDE IATIF**  
Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba-ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beiços.

**LA JUVENILE**  
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido Iatif.

**LAIT IATIF, chamado LILY WASH**  
para embellezar a tez.  
Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaldas.

**CREAM IATIF**  
Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade soore os outros Cold-Creams.

**AGUA DE TOUCADOR JONES**  
Tonica e refrescante. Excellente contra as picadas de insectos.

**ELIXIR E PASTA SAMOHTI**  
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principais Perfumarias.

**L. T. PIVER em PARIS**  
IMPORTADOR DA  
Nova PERFUMARIA Extra-fina

**CORYLOPSIS DO JAPÃO**

SABÃO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
PÓ de ARROZ..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
BRILANTINA..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
OLEO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
POMADA..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

EXTRACTO..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
AGUA de TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
LOTION..... ao CORYLOPSIS do JAPÃO

Contra a **ANEMIA**, a **FRAQUEZA**  
o **RACHITISMO**, as **ESCROFULAS**  
o **RHEUMATISMO**, a **TISICA** etc.  
SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO

**VINHO VIVIEN**

de **EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO**  
Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e tão agradável ao paladar que as crianças chegam a tomal-a até por gusto. — Uma colher, das de sopa, de **VINHO VIVIEN**, equivale a duas colheres de sopa de oleo de figado de bacalhao.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS  
PARIS: 126, Rue Lafayette, 126

TONICO \* FEBRIFUGO \* REGENERADOR

**VINHO do DOCTOR JOHANNO**

COM  
**QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE**  
**HYPOPHOSPHITOS**

Energico reconstituente recommendado nos casos da **POBREZA de SANGUE**, — **CHLOROSIS**, — **LYMPHATISMO**. — **FEBRES PERNICIOSAS**, e principalmente ás Senhoras nos casos de **FLUXO BRANCO**, — **MENSTRUACAO IRREGULAR**, etc.

A venda em todas Pharmacias, PARIS: r. Lafayette, 126

**MEIO SEculo DE SUCCESSO**  
O unico verdadeiro Alcool de Hortelã é o Alcool de Hortelã

**DE RICQLÈS**

Algumas gottas d'este alcool em um copo d'agua com assucar fazem uma bebida deliciosa, sadia, refrigerante e barata, matando instantaneamente a sêde e saneando a agua.

Em dose maior é **INFALLIVEL** contra as indigestões, os atordoamentos, as dores de estomago, o enjão, as doenças dos nervos, as dores de cabeça, a dysenteria e a cholera.

Tambem é **EXCELLENTE** para os dentes, a bocca, e todos os cuidados do toucador.

É UM PRESERVATIVO contra as **EPIDEMIAS**.

55 recompensas entre ellas 16 diplomas de honra e 15 medalhas de Ouro.

**NÃO COMPRAR AS IMITAÇÕES e**  
Exija-se o nome **DE RICQLÈS**.

**HOUBIGANT**  
PERFUMISTA  
da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

— PARIS —

**AGUA HOUBIGANT**  
SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.  
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

**EXTRACTOS PARA O LENÇO**: Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Viollette russe, Trevol, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

**SABONETES**: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

**PÓS OPHELIA**, Talismão de Belleza.  
**PÓS PEAU D'ESPAGNE**.  
**LOÇÃO VEGETAL** para os Cabellos.

**PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI**